

Crítica // Megan 2.0 ★★



Megan 2.0: boneca motorizada em trama que envolve I.A.

GEOFFREY SHORT/UNIVERSAL PICTURE

Bobagem recauchutada

Ricardo Daehn

Há filmes de terror que, sob qualquer ângulo, não passam no teste de serem levados a sério — e é neste grupo que a boneca motorizada e inteligente Megan se enquadra, ao lado de longas como *Invocação do mal*, *Jogos mortais* e *A freira*, alguns deles sob a produção de James Wan (um dos roteiristas de *Megan 2.0*). Numa

trama movida pelo desvendar do Projeto Caixa Preta, o novo filme em muito se aproxima de um thriller de ação. Ainda que entre na mente das pessoas, via sensores, Megan agora assume a troca de corpos, e multiplica, muito para além, a quantidade de faces de “duas caras”, como alguns personagens apontarão.

Num reencontro com a sobrinha de Gemma (Allison

Williams), Cady (Violet McGraw), é dada a segunda chance para Megan. E ela agirá tal qual uma hospedeira, assumindo controle e agindo na linha de “sistema operacional em crise de identidade”, como pontua uma personagem. Sem violência psicológica e dentro da neutralidade gráfica do terror, a desenvolta boneca cai numa trama assemelhada à de *Runaway* (com Tom

Selleck) em que se dá a louca nos androides.

Com Akele Cooper (de *A freira 2*) e o próprio diretor como roteirista (Gerard Johnstone), o filme acopla (bizarros) momentos divertidos, como o em que a protagonista recorre à cena musical, a fim de intensificar forçada empatia. O festival de citações também é largo, vai de *Duro de matar* (1988) e *Momento crítico*

(1996), passando por *Blade runner* (1982), *O exorcista* (1973) e até *X-Men* (2000). Discussões sobre competição humana, regulamentação de IA, invasões a sistemas eletrônicos e em torno da evolução de algoritmos dão breve sustancia ao filme. As cenas de Megan (papel de Amie Donald e Jenna Davis) contra Amelia (Ivan-na Sakhno) também alargam a sobrevida de diversão.

Crítica // Glória! ★★★

Revolução sonora

Presente no circuito da 81/2 Festa do Cinema Italiano 2025, o longa-metragem da também atriz e compositora Margherita Vicario será exibido no Cine Cultura Liberty Mall (hoje, às 20h45 e dia 30 de junho, às 18h30). Selecionado para o Festival de Berlim, o longa venceu categorias associadas à música no prestigioso David di Donatello, além de ter rendido prêmio à diretora pela nova impulsionada carreira. Anita Rivaroli assina o

roteiro, ao lado da cineasta, e que ganha uma sincopada edição (à la tonalidade do fundo musical), sob responsabilidade de Christian Margisiglia. Tal qual *O banheiro do Papa* (o filme de Cesar Charlone), uma agradável visita do Vaticano implantara inovações e improvisações, na tentativa de agrado. Galathea Bellugi interpreta a silenciosa Teresa, sob o jugo do fracassado e impostor maestro e compositor Perlina (Paolo Rossi). Muda, por um jogo

RAI CINEMA/ DIVULGAÇÃO



Cena do filme Gloria: prêmio em Berlim

de abusos, na capela anexa ao Instituto Sant' Ignazio, na Veneza de 1800, cravejada pelas duras regras sociais

da era, ela implantará uma inesquecível renovação, dado o impacto de uma latente música que não deixa

de maquinar, num registro bem interiorizado, mas que se alarga junto a inesperado público. (RD)